

De um exílio não se regressa, ele é a nossa terra exausta, a
nossa palavra exausta, a nossa escrita exausta.

:

Um homem pobre nunca será um exilado:
encontrará em todos os caminhos
a devastação da sua intimidade.

por todo o lado, o zumbido apis mellifica, novos minúsculos de som na intermitência espaçada das vozes, a Grécia é para quem, não para estes, a Grécia inventada pelo tempo, destruída por ele, ressuscitada nos montes de entulho cobertos de uma fina camada de terra, onde se começa a renascer: primeiro a relva, que não servirá de pasto a rebanhos nem de cama a pastores, depois, tufos de rosmaninho plantados por jardineiros meticulosos e instruídos, por fim, algumas árvores, pinus maritima, e teremos a Grécia e a Sicília, bucólicas, nos arredores de Berlim, nas margens do Spree. **E a infância dos velhos abolida.** Dos escritórios vem um som de abelhas, do amanhecer ao entardecer zumbem sem descanso, e nos lavabos, mictórios e latrinas, ouve-se o canto de melros digitais, enquanto se limpa o cu a papel higiénico perfumado, e se lavam as mãos com o cheiro a gel de flores silvestres. Segue-se o quê? Segue-se o crepúsculo, o moroso crepúsculo dos prédios. Os elevadores silenciosamente furiosos. Descem e sobem. E nós avançamos para as portas da cidade, estacamos junto a elas, inspira-se o ar alcatroado, o bafo a gasolina cruzado por um som fluvial ininterrupto. E saímos com determinação. Perdidos durante alguns segundos, ouvimos a transparência de uma parede que, nas nossas costas, maníaca, se abre e se fecha, se abre e se fecha, se abre e se fecha. Nem uma única luz cadente, memória do céu arcaico da infância. Respira-se fundo e dá-se um passo em frente: os danos colaterais são para outros: silhuetas indistintas, como convém a silhuetas, vagueiam na periferia das bolsas de Tóquio, Londres, Nova Iorque, e dos mercados accionistas, tão úteis, tão rentáveis. Vou para a esquerda ou para a direita? vou em frente? em diagonal? Estas são hesitações para alguns outros, eu tenho um lugar para onde ir, só as silhuetas desorientadas atravessam ao acaso linhas férreas, em arrabaldes de um verde raquítico. Nem sequer vão ao longo delas. Como alguns

cães, cruzam de lado o mundo. Há quem lhes filme os pés, dão tão boas filmagens esses pés, vê-me bem isso, calçados em le coq sportif: é uma contrafacção, qual contrafacção qual quê, aquilo é genuíno. Acende-se um cigarro e continua-se: e os campos de refugiados cheios de smartphones? já reparaste? Deixa-me em paz. A garagem, a garagem: dizem, como outros disseram: thalassa, thalassa, é para ela que eu quero ir. Há sempre um nome acolhedor que nos deixa entrar: digo-o, e a porta começa a abrir-se, uma boa porta, de metal pesado ou de madeira exótica. Aço? Ébano? Mogno?:

eis o silêncio desodorizado do refúgio. Nele recuperamos o zumbido apis mellifica que se interrompera, mas que regressa insidioso. Nem uma pergunta, nem uma resposta, nem: já chegaste, nem: de onde vieste, o zumbido povoa, habita, surge de todas as divisões da casa como de diversas colmeias, e abate paredes, não se distingue um zumbido de outro, meu avô vestia uma espécie de escafandro, era um tempo múltiplo, esse, o fumo entrava nos cortiços, as abelhas fugiam, e meu avô retirava os favos, que nós chupávamos na sala de jantar obscurecida, onde unicamente se insinuava pelas frinchas das portadas o pouco de um dia que nos transformava em vultos, hoje, ao zumbido sucede um zumbido, a que sucede um zumbido, a que sucede um sucedâneo, meu pai dizia: ersatz, eu digo: puta que os pariu,

eu, expulso

de baixo das pontes;

dos prédios com as janelas tapadas com tijolos;

de apartamentos confortáveis onde se descansa,

come e fode;

da noite indecisa das cidades;

desses últimos lugares;

eu,

expulso,

dos rostos concentrados nos ecrãs, que de vez em quando dizem uma palavra, expulso de quem dorme a meu lado, que por sua vez foi expulso pelo tempo em que dormiu a meu lado, os nossos corpos mutuamente tacteados, queremos-nos vir, queremos-nos vir, pronto, já está, e recompomos a distância alvacenta dos lençóis, o tempo que levará do estarmos sós até ao ficarmos sós, do estarmos sós de hoje até ao ficarmos sós de amanhã, meio adormecidos, costas contra costas, entre nós o frio deste pano branco, onde reconhecemos o nosso próprio frio, ou seja, o estarmos sós, assim nos vamos aproximando dos rebanhos que não pastam na erva que cresceu nos montes de entulho transformados em suaves e verdejantes declives, das abelhas e dos pássaros digitais, pouco a pouco vamos deixando de ser heterónimos para passarmos a sinónimos, e de sinónimos a homónimos, e de homónimos a...

*

(uma voz que não seja um olhar emprestado, ou roubado
(tantos poemas, tantos romances, que não passam de olhares emprestados, roubados
(sonogados
(há olhos que não inventam as árvores que vêem,
que só vêem as árvores inventadas por outros olhos
(há olhos que são catálogos: vagueiam entre os destroços da Criação, protegidos pela letra maiúscula da Criação
(há olhos que não sabem perder nem descobrir:
somente o acaso de encontrar

(todas as vidas perto de todas as mortes:
ver é essa proximidade. Que dá a tudo uma violência terminal

(ontem, em Zwettl, na catedral, fria, húmida e escura, o imenso crucificado, como um despojo meu. O que foi sobrando da minha vida estava ali: as dores que não tive, a fome que não passei, o abandono que não senti. Porque a dor que me contrai, a minha fome e o meu abandono, esses, só existem como uma sobra daquilo que me sobrou. Somos todos sobras de sobras, embora não tenha havido o que quer que seja de que somos sobras. Nada de intacto no nosso início, ou talvez a luz que à nascença nos roubou

Sei lá que palavras uma dor impede de serem ditas.
Uma dor cresce e vai fechando.

*

Viver com intensidade o que acaba. Em criança: o fim do dia, o fim de uma corrida, o fim da maçã que acabara de comer. Mas o fim deixava sempre um resquício: o cansaço quando parava, a indecisão do crepúsculo, o caroço da maçã nas mãos peganhentas de sumo. E do que restava, eu poderia de novo começar. Quando principiei a escrever, queria chegar rapidamente ao fim. O prazer era garatujar três ou quatro linhas, pôr um ponto final, enorme, quase um borrão, levantar a cabeça do papel e respirar fundo: a mão tremia e o lápis, entre o polegar e o indicador, oscilava, como se quisesse regressar à folha e encontrar nela o apoio que me permitisse iniciar uma nova palavra. Escreve em maiúsculas: diziam-me: para se perceber o que escreves, mas uma maiúscula não se